



A representação feminina no conto “A língua do P”



<http://www.freeimages.com/>

MARIA JULIANA DE JESUS SANTOS

JESSICA ANDRADE ALMEIDA

MÁRCIA REGINA CURADO
PEREIRA MARIANO

Resumo

O presente artigo busca contribuir para a divulgação de alguns conhecimentos científicos e culturais, permitindo um diálogo entre eles e visando, particularmente, a valorização do gênero feminino e do texto literário como ferramenta no ensino básico para a reflexão sobre problemas enfrentados ainda hoje pelas mulheres, especialmente os relacionados à agressão física, emocional ou sexual. Com esse objetivo, mostramos a importância da Lei Maria da Penha e refletimos sobre questões de identidade e alteridade, bem como questionamos a cultura machista que, infelizmente, nossa sociedade adota e alimenta.

Palavras-chave

Mulher. Lei Maria da Penha. Literatura.



VOCÊ SABIA QUE A CADA MINUTO CINCO MULHERES SÃO AGREDIDAS?

A violência é caracterizada como qualquer forma de agressão verbal ou física que atinge a integridade do indivíduo. Cabe frisar que ela pode ser classificada em diversos tipos: física, simbólica e sexual. A violência física se define por surras, agressões, empurrões, dentre outras ações que atingem o corpo do outro de forma violenta. A simbólica permeia o psicológico, está associada à primeira, causa sequelas e marcas inesquecíveis. Já a sexual se define como o ato sexual forçado de forma agressiva, sem a autorização da vítima.

Nesse sentido, a violência está atuante e presente em nossa sociedade. Dados alarmantes e noticiários demonstram o quanto as mulheres são vítimas, constantemente, de companheiros-agressores. Essa violência que atinge a mulher determina o que muitos pesquisadores denominam de “violência de gênero” ou “violência contra a mulher”. Tal realidade é fruto do controle possessivo do homem sobre a mulher, da cultura machista de nossa sociedade que leva o gênero feminino à submissão e à inferiorização.

A fim de proteger a mulher dessa violência, foram criadas diversas leis que garantam o direito humano, uma delas é a “Lei Maria da Penha”, sancionada em agosto de 2006, que assegura o direito feminino de denunciar qualquer forma de agressão. Essa lei faz uma homenagem à farmacêutica Maria da Penha Maia, que lutou para conseguir a prisão do ex-marido, Marcos Antônio Herredia, que tentou matá-la duas vezes, deixando-a paraplégica.

Em contrapartida, podemos nos questionar: a lei funciona em sua totalidade? Atende a todos os casos? Por que ainda há registros de tantas mortes de mulheres no Brasil vítimas da violência?

Embora a “Lei Maria da Penha” tenha sido uma grande conquista para as mulheres, ela não é eficaz em sua totalidade. Primeiramente, é necessário desconstruir a cultura machista presente na mente de muitas pessoas, através de campanhas educativas para pais e filhos, possibilitando novos olhares a respeito do tema. Além disso, os professores devem expor em suas aulas textos, vídeos, notícias que toquem mesmo no assunto. Desta forma o sujeito

passará a questionar temas tão recorrentes e atuais tidos como “esquecidos”, “desnecessários” no nosso meio social.

Outro fator importante para a desconstrução do machismo na sociedade está na ficção. Em textos literários, por exemplo, a identidade feminina se faz muito bem representada. A literatura brasileira é rica em acervo de escritoras que trabalham com a temática, porém pouco conhecidas para muitos alu-

nos, dentre estas estão: Lygia Fagundes Teles, Lya Luft, Marina Colasanti, Nélide Piñon, Clarice Lispector e tantas outras.

Essas autoras transferem problemas sociais e cotidianos das mulheres para a ficção e relatam casos de submissão, violência simbólica, física e sexual, atribuindo às histórias fictícias um caráter real dentro do texto, a fim de sensibilizar o leitor. Desta forma, trazemos como exemplo, diante de tudo que foi abordado, a representação feminina no conto “A língua do P”, da coletânea *A Via Crucis do Corpo*, da escritora Clarice Lispector.

A MULHER E A SOCIEDADE

O conto “A língua do P” traz conflitos sociais vividos por uma personagem feminina. Uma professora de inglês, Cidinha, dentro de um trem, sofre assédio sexual. A autora, então, por meio do conto, faz uma comparação



<http://www.freeimages.com/>



da história contada com a realidade machista de nossa sociedade, que inferioriza a mulher. Mostra o domínio masculino de maneira simbólica, a violência física e sexual do homem em relação à mulher que leva a personagem principal à transgressão e à mudança da própria identidade, para fugir do trágico destino, sentindo-se rebaixada, discriminada e sem valor. O conto aborda do assédio sexual ao assassinato, e além de descrever uma vítima do crime sexual, traz à tona dois meios de violência sofridos pela personagem: a do criminoso, por meio do assédio e do crime cometido a uma outra personagem, e o da polícia, que impõe a culpa à vítima como responsável pelo surgimento do conflito, como percebemos no fragmento abaixo:

Então dois homens começaram a falar um com outro. No começo Cidinha não entendeu palavra. Parecia brincadeira. Falavam depressa demais. E a linguagem pareceu-lhe vagamente familiar. Que língua era aquela? De repente percebeu: eles falavam com perfeição a língua do "P". Assim:

- Vopocêpê Reperaparopoupu napa moçoapa boponipitapa?

- Jápá vipi tupudo. Épé lînpindapa. Espes-tapa nopo papapopo. Queriam dizer: você reparou na moça bonita? Já vi tudo. É linda. Está no papo. (LISPECTOR, 1984, p.76)

Além disso, os rapazes diziam, ainda na língua do "p", que iam "currá-la¹ no túnel" e matá-la. Em desespero, a personagem se finge de prostituta, causando tumulto no vagão, o maquinista chama a polícia, ela é levada com brutalidade pelo braço, e fica presa por três dias. Ela conta à polícia o que ocorreu, mas de nada adianta, pois ainda é tida como errada e provocadora do que lhe acontecera. Ao sair da cadeia, defronta-se a uma banca de jornal:

Em manchete negra estava escrito: "Moça currada e assassinada no trem". Tremeu

1 Refere-se à prática do estupro, em parceria com outros criminosos, bem como se enfatiza no conto analisado.

toda. Acontecera, então. E com a moça que a desprezara. Pôs-se a chorar na rua. Jogou fora o maldito jornal. Pensou:

- Êpê. Opo despestipinopo épé impimplaplacápávelpel.

O destino é implacável. (LISPECTOR, 1984, p.79)

Como podemos perceber, a personagem mesmo vítima é tida/vista como culpada. Ao se colocar como prostituta para salvar a própria vida, é tratada de forma preconceituosa, brutal e "insignificante", sem valor, mostra-se assim um espelhamento da cultura da qual fazemos parte. Mesmo tentando fugir da maldade dos agressores, uma outra vítima é assassinada cruelmente, em seu lugar. Nota-se a exposição dessa cultura machista que inferioriza, julga, submete a mulher à desvalorização ao ponto de várias mulheres serem assassinadas ao longo de um ano no nosso país, por exemplo. E os agressores, na maioria das vezes, que punições recebem? Nenhuma.

De forma gradativa e lenta, a mulher vem conquistando seu espaço de maneira merecedora, seja profissional; física, por meio do controle de seu corpo (através de métodos contraceptivos, hoje a mulher já consegue decidir se quer/pode ter mais filhos, por exemplo); politicamente e em outros aspectos sociais. Porém, ainda existem em nossa sociedade resquícios que se ligam ao patriarcalismo, que colocam o homem como o centro e impõem à mulher o papel de inferiorizada, submissa, o que contribui para sua insatisfação e para seu assujeitamento e marginalização.

A identidade patriarcal², agregada de uma herança cultural predominantemente machista, como a de nosso país, deve ser questionada através da leitura de textos literários e não literários, com o intuito de estabelecer relações

2 Segundo Bourdieu (1999) a dominação masculina, existe há muito tempo, tida como superior, faz com que a ordem social seja imutável (permanença a mesma), determina que o sexo feminino deve obedecer e ser submisso, conforme empregam as normas morais, sociais e de conduta.



sócio-culturais entre a realidade e a ficção e de mudar pensamentos que ainda vigoram para muitos. É necessária uma ruptura no modo de pensar de muitas pessoas que, mesmo em pleno século XXI, utilizam da cultura patriarcal como forma de estabilidade social, impondo à mulher um papel desmerecedor e submisso. A literatura, sem dúvida, pode ser um dos meios de denúncia e problematização social, despertando a criticidade em um leitor que passaria a observar determinados problemas e situações do próprio dia a dia com novos olhares,

tentando, quem sabe, romper definitivamente com pensamentos e atitudes voltadas para a cultura do machismo, infelizmente muito presente no nosso meio social.

E você leitor, acredita que a literatura sirva como uma das saídas para esse problema?

Já parou para pensar em quantas Cidinhas da vida real passam ou passaram por cruel situação descrita no conto em nossa realidade? A mulher merece ser vista como inferior ao homem? Por que a lei diz que todos somos iguais e na prática isso não acontece?

VOCÊ QUER SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO?

A violência contra a mulher é um tema sobre o qual se reflete há muito tempo, muitos pesquisadores e feministas estão na luta contra essa problemática social. Se você estiver interessado no assunto, seguem algumas sugestões de leituras que podem ser bem aproveitadas:

BRASIL. **Pesquisa sobre a Percepção da sociedade sobre violência e assassinato de mulheres**. São Paulo: Data Popular e Instituto Patrícia Galvão, 2014.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em movimento**. 2º Ed. São Paulo: Ed. Francis, 2010. GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. **Revista Diadorim**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume 13, 2013, p. 1-11.

FILHO, Euro Bento Maciel. Lei Maria da Penha: ainda estamos longe da solução. **Fórum Congresso em Foco**, Uol. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaoforum/lei-maria-da-penha-ainda-estamos-longo-da-solucao/>>. Acesso em 25/04/2015.

BENÁRIO, Olga. Tipos de violência contra a mulher. **Blog Movimento Olga Benário**. Disponível em: <<http://movimentoolgabenariosp.blogspot.com.br/2011/08/tipos-de-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em 25/04/2015.

COMO DENUNCIAR?

A lei 11.340, Lei Maria da Penha, sancionada em agosto de 2006, serve como ferramenta importante no combate à violência doméstica, embora o Nordeste apresente somente 15 varas ou juizados da violência doméstica e familiar nos seus nove estados, o que é muito pouco em comparação, por exemplo, com o centro-oeste que tem 16 varas, para uma região menos populosa. Porém, mesmo com essa

desigualdade na distribuição, as unidades judiciárias de cada região procuram ajudar e fornecer informações às vítimas. O disk 180 atende ligações anônimas ou identificadas e procura solucionar questões relacionadas a maus-tratos, agressões, surras e ameaças por parte de companheiros ou ex-companheiros. Divulgue.



Fonte: ilustração Gilmar Marcel Oliveira dos Santos



Figura 1: ser mulher.

Referências

BENÁRIO, Olga. Tipos de violência contra a mulher. **Blog Movimento Olga Benário**. Disponível em: <http://movimentoolgabenariosp.blogspot.com.br> - Acesso em: 25 abr. 2015.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07.08.2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Lex – Coletânea de Legislação e Jurisprudência federal**, 2006.

_____. **Pesquisa sobre a percepção da sociedade sobre violência e assassinato de mulheres**. São Paulo: Data Popular e Instituto Patrícia Galvão, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FILHO, Euro Bento Maciel. Lei Maria da Penha: ainda estamos longe da solução. **Fórum Congresso em Foco**, Uol. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br> - Acesso em: 25 abr. 2015.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. **Revista Diadorim**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume 13, 2013, p. 1-11.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984. p.75-79.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Francis. 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: Fundação SEADE, v.13, n.4, p.82-91, out /dez.1999. Disponível em: www.seade.gov.br-produtosp - Acesso em: 15 dez. 2014.